

O HUARDEN

Livro I - Expurgo

O HUARDEN

Livro I - Expurgo

L.S.P.
ALVARES

CAPÍTULOS

1. CICLOS	5
2. A NOITE DO NEFASTO	14
3. O PESO DO MUNDO EM UM SORRISO	20

I. CICLOS

CARAN

O silêncio sepulcral imperava sob o véu noturno nas montanhas de Quitão. Aquela região ao norte do continente de Aomeria era conhecida por ser um território inóspito e pouco explorado, e suas colossais e íngremes formações rochosas impunham um desafio insuperável a qualquer um que tentasse trespassá-las. No entanto, um olhar mais próximo nas montanhas revelava um vale escondido, o Jardim Boreal. Um milagre verdejante em meio àquele maciço hostil, pampas férteis que serviam de morada para uma misteriosa tribo cuja origem remontava ao tempo dos deuses: os huardens.

O céu, naquela noite, trocou os seus habituais tons de azul e violeta em favor de um contraste entre a escuridão total e a prata das estrelas, entremeado pelos tons cinzas e alvos das nuvens que vagueavam no firmamento.

A luz das estrelas ganhou uma imperfeita paráfrase no solo, pois o vale passou a se encher de pequenas luzes emanadas de tochas acendidas pelos seus habitantes. Os pontos luminosos se multiplicavam na medida em que solidariamente as pessoas acendiam as tochas dos demais. A chama modesta e avermelhada revelava aos poucos as casas de madeira que compunham um vilarejo, uma grande e larga alameda central com terra batida dividida ao meio o conjunto de habitações.

As pessoas foram se juntando às margens da via dando forma a uma silenciosa assistência. Até que um homem em frente ao casarão central onde findava a alameda ergueu o braço que segurava o sinal flamejante e gritou prolongadamente. Seu urro gutural parecia vir mais da alma do que da garganta. Seu chamado logo foi acompanhado por toda a vila que formou um coro harmônico, belo e sinistro, que despertou a floresta e fez revoar todas as aves que repousavam nos galhos das árvores.

O sagrado silêncio foi rompido com os diversos instrumentos musicais que começaram a soar suas notas, tocadas e sopradas magistralmente pelas mãos e bocas de seus mestres. A batida do coração das montanhas de Quitão era ditada pelo tambor ritmado do huarden que castigava a pele do instrumento com vigor. Tal demonstração não deixava dúvidas de que ali se iniciava uma celebração.

Os homens entoavam canções que remontavam aos feitos dos seus antepassados. As mulheres ululavam com a mão sobre a boca. Da maior cabana do vilarejo, saiu um leito funerário carregado por quatro homens, sobre ele jazia o corpo de Jiran, a Autoridade Boreal, título dado ao líder daquela tribo e herdado entre cada geração pela lei do sangue.

O cortejo fúnebre teve início e as pessoas se enfileiraram em duas colunas para se juntarem à procissão encabeçada pelo finado ancião Jiran. Uma mulher com vestes feitas de pele de iaque, que cobria pouco mais que seus pudores, abria caminho andando de maneira animalisca pela alameda central do vilarejo. Enchia sua boca de aguardente e cuspiam labaredas de fogo com a sua tocha. Sua pintura corporal, a pele de lobo que adornava seus ombros, e seus uivos assombrosos delatavam a natureza

mística de sua ocupação como a xamã e sacerdotisa da tribo.

Ao sul, na outra ponta do caminho que atravessava o vilarejo, uma enorme pira de madeira empilhada esperava, ainda apagada, pela chegada de seu hóspede. O tambor acelerava à medida que a marcha fúnebre se aproximava. Quando o corpo adornado de Jiran finalmente chegou ao seu destino, ele foi posto no interior da pira funerária, por uma abertura feita justamente para aquela finalidade. Subitamente, o silêncio imperou outra vez, criando uma cena que se não fossem pelas chamas a dançar seria estática como a de uma gravura.

A guia da procissão e líder espiritual daquele povo seguiu solenemente seu caminho. Subiu pela escada de uma plataforma montada justaposta à pira, que parecia ter a altura de três ou quatro homens comuns. Já em cima do pináculo, de olhos cerrados dançou suavemente, como se balançasse ao sabor dos ventos. Seus braços soltos e independentes sinuavam pelo ar. Em uma mão segurava a sua tocha, a outra, livre, passeava pelos seus cabelos pretos. Sua feição remetia a um prazer leve e inocente. De repente, imobilizou-se em posição ereta e postura firme. Com os braços erguidos, abriu os olhos arregalados e passou a arfar alto. Seu peito movimentava-se vigorosamente fazendo as gotas de suor escorrerem por seu colo. Aos poucos, sua respiração foi voltando ao ritmo normal. Sua face agora mudava completamente para uma autoridade serena, e enfim abriu a boca para proferir o seu testemunho:

– Huardens, nosso amado mestre cumpriu o seu dever em vida como o zeloso cuidador destas terras, conselheiro e protetor de seus amados filhos! Eu grito para que as montanhas e as estrelas sejam testemunhas de sua grandeza. Mas mesmo em nosso descanso, ainda deve-

mos servir a esta terra. No fim, seu corpo será abraçado pelo fogo e suas cinzas servirão ao nosso solo, espalhadas aos quatro cantos do vale, pois qual o propósito de um huarden, se não cuidar deste refúgio a que chamamos de Jardim Boreal? – Questionou aquela figura mística aos ouvintes atentos.

Olhou para baixo, na estrutura que recebia o finado patriarca. Mesmo depois de morto, a expressão daquele homem velho parecia alegre, pois no canto de sua boca remanesceu um sorriso de uma vida satisfatória. A pira retangular possuía interior oco, sendo assim possível que a condutora daquela cerimônia enxergasse a Autoridade Boreal de cima da plataforma.

– Jiran, ascenda agora! Junta-te aos que nos antecederam e prepare a morada dos que o sucederão. Tome a mão de sua amante, a Lua, e governe as noites sagradas sob a bênção do senhor da luz divina.

Deixou cair sua tocha na pira crematória, que acendeu quase que instantaneamente, fazendo as labaredas subirem em espiral aos céus. Ainda com o braço erguido levantou a cabeça e irrompeu o silêncio com um uivo agudo, exprimindo dor da perda e expurgando assim o luto. A tribo respondeu ao chamado da sacerdotisa naquele grito lamurioso e juntaram-se àquele adeus em forma de uivo. O tambor então retomou mais vigorosamente. Desta vez, as trombetas e cordas lhe acompanharam formando uma melodia que iniciou uma celebração em volta da fogueira. O rosto de Jiran possuía uma pele branca, porém o astro-rei marcara o seu sinal de graça concedendo-lhe um aspecto mais dourado e vivaz mesmo na morte. Seus fios de cabelo e barba eram cinza quase em toda sua totalidade, mas alguns pelos pretos como de todo huarden, denunciavam sua ancestralidade. Em poucos instantes este retrato foi consumido inteiramente pelo

fogo, fazendo daquele o derradeiro testemunho de sua imagem nesta terra.

Os huardens dançavam e gritavam orbitando a pira. Seus movimentos beiravam a bestialidade e seus olhos revirados davam um tom de frenesi ao que parecia ser o ápice da cerimônia.

Mais afastados, dois jovens que ajudaram a carregar o féretro observavam o ritual, sem fazer menção de continuarem a participar muito efetivamente. Um deles, de pé e encostado em uma coluna de madeira, fumava um cachimbo que fumegava em anéis. Embaixo de sua capa grossa e cinza vestia-se com roupas de tecido claro, uma bota grossa, e um cinturão de couro com um machado preso em seu flanco esquerdo. Uma cinta atravessava seu peito na diagonal armada com facas de arremesso. Luvas e proteções de couro em seus antebraços completavam sua armadura leve. Parecia possuir pouco mais de seus vinte anos, de estatura média e bem afeiçoado, seu queixo e nariz combinavam, finos e levemente pontudos. A chama da pira funerária reluzia em seus olhos pretos. Seu cabelo preto e desgrenhado era levemente ondulado e oleoso, cobria sua testa e orelhas e por pouco não alcançava o ombro. Sua barba rala delatava uma puberdade que passara não há muito tempo, e talvez um anseio em parecer mais maduro. Sua expressão descontente destoava com a daqueles que festejavam. Franzia a testa e levantava a sobrancelha quando o cachimbo visitava a sua boca.

– Está errado, Ralil. Isso está muito errado! – resmungou o jovem com sua cara retorcida em desgosto e o cachimbo encostando aos lábios.

Seu amigo e escudeiro estava de cócoras ao seu lado, quase como um cão-de-guarda. Mexia com uma pe-

quena faca a esculpir uma estatueta de um lobo, da qual só havia dado forma a cabeça até então.

– Mas por que diz isso, Caran? – indagou o escudeiro Ralil, que em muito se assemelhava ao colega, exceto pela feição mais rústica e seu penteado. Ostentava uma faixa de cabelos longos presos por um cordão no topo da cabeça, já as laterais e a parte de trás eram raspadas. Mantinha um cavanhaque de bigode ralo e bipartido.

– Ainda pergunta? Meu pai não está aqui, Maliquir também não. Nenhum emissário jamais retornou da última missão ao continente. Tradição milenar? Que bosta! Todos nós tememos o rompimento do selo de Codomo. E o que estamos fazendo a respeito? Dançando e cantando. O que os anciões estão tramando? – seu desabafo então interrompeu-se para uma pitada no cachimbo, Caran tossiu como uma criança pouco acostumada ao tabaco.

– Parece que eu te supero na arte da pitada, Caran.
– Zombou o cão-de-guarda.

Caran virou o rosto e fingiu não ter ouvido, Ralil continuou:

– Na montaria, e na caçada também. – Gabou-se Ralil com uma crescente confiança e um jocoso sorriso – Também devo mencionar o cortejo com as garotas, meu primo?

– Pare de besteiras ou vai cortar a sua mão! – esbravejou Caran – Ouça o que eu estou dizendo ou trabalhe na sua obra em silêncio. Se for me amolar, prefiro que vá contar os carrapatos do Procion lá nos estábulos.

Os dois jovens, como todos os garotos, tinham um jeito peculiar e grosseiro de afirmarem seu amor fraterno. Afinal, mesmo sendo primos, foram criados como irmãos.

Yo'Qogan, pai de Caran, partira há quinze anos para o continente junto com seu irmão Maliquir, pai de Ralil. A morte no parto da mãe de Ralil fez acumular a incumbência materna à Harissa, que dera à luz a Caran.

Ralil parou de esculpir por um momento, olhou para cima e disse:

– Este mal humor todo não é de seu feitio, Caran. Mas não se engane, crê que eu não compartilho de sua angústia? Não podia estar mais equivocado. Sei que carrega um peso em suas costas, e sempre me ofereci a dividi-lo. Não tenho ambição alguma, senão lhe servir, e disso você bem sabe.

Desapercebidos, uma mulher de meia-idade ouvia a conversa dos amigos com certo interesse. Possuía uma faixa de tecido de cor bege clara na testa e o cabelo escurido para trás, seu nariz pontudo era fino, e suas mechas grisalhas e rugas foram consequência da criação dos dois garotos que viviam a aprontar pelo vale. Aproximou-se do filho e do sobrinho e disse em tom aconselhador:

– Caran, enquanto houver um huarden sob o Sol...

– A terra não cederá, mãe. – Completou Caran com uma expressão aborrecida ao virar-se para sua mãe, Harissa.

– Filho, como neto de Jiran tenho certeza de que entende os seus deveres e lugar na tribo. Compartilho do seu anseio e sofro todas as noites desde a partida de seu pai, mas nossa situação chegou a um ponto crítico, não se tem relato nos tempos antigos de um sucessor ao posto de Autoridade Boreal estar ausente no momento de assunção do cargo. Temos cada vez menos guardiões para o selo de Codomo, que se enfraquece cada vez mais, e por este mesmo motivo nunca pudemos mandar uma missão de resgate.

Harissa então dirigiu um olhar vigilante para a linha de árvores ao sul da praça em que estavam, pois naquela direção, adentrando a floresta, escondia-se a gruta que guardava o selo de Codomo.

Codomo, o Nefasto. No continente, há quem diga que sua existência não passa de uma lenda, mas os huardens em sua maioria não compartilhavam desse ceticismo.

O Deus dos Homens, como também é chamado, fora aprisionado há mais de mil anos no Jardim Boreal pelo herói das lendas antigas e precursor dos huardens, Procion. De tão aficionado que Caran era pelo seu heroico ancestral, o jovem resolveu dar o mesmo nome ao seu cavalo.

– Desde quando preocupar-se resolve alguma coisa, minha mãe? E o meu pai, o seu marido? Ele é a Autoridade Boreal por direito. O que este conselho senil está pensando? Por acaso já estão débeis da cabeça? – perguntou o rapaz que discutindo com a sua mãe assumiu inconscientemente a postura de uma criança birrenta. Talvez um hábito difícil de perder quando se dirigia a sua progenitora.

– E com qual sabedoria você questiona os nossos anciões, Caran? Pela lei do sangue o seu pai é a Autoridade Boreal. Você só ascenderá a este posto quando a geração atual da linhagem morrer. Seu pai está vivo, posso sentir. Contudo, a tragédia parece inevitável. Sem uma Autoridade Boreal o selo será rompido, e o mal pairará não só sobre as montanhas, mas sobre todos os reinos dos homens. Eu apelei outra vez ao conselho, que conduzirá a tribo de maneira temporária, e uma missão ao continente será organizada para partir daqui a uma semana. Você irá com Ralil para cumprir seus deveres diplomáticos em Oriel, assim cumprindo um requisito para se tor-

nar o líder do nosso povo um dia. Um outro grupo irá em resgate daqueles que não voltaram. – Explicou a matriarca enquanto o rapaz recebia a notícia atônito. – Caran, o céu ao sul, além das montanhas, está emanando uma aura diferente de tudo que já presenciei, algo errado acontece na terra do Sol e além, e seu pai não consegue voltar. – Expressou consternada.

Ralil, ainda de cócoras e olhando para os seus familiares, só então se pôs de pé. Os seus olhos brilharam com a notícia em primeira mão, enquanto Caran ainda processava o fato de que partiria do jardim em direção à cidade que seu avô visitara há mais de sessenta anos atrás.

Uma parte de si de fato ansiava por tal aventura que lhe fora predestinada pela sua condição sucessória. Outra parte receava deixar as terras gentis em que viveu a vida inteira. Seus olhos dançaram por todas as direções procurando algo em que ancorar os pensamentos e então responder sua mãe, Harissa.

Sua confusão mental se expressava pelo movimento perdido de cabeça até que o silvo alto e estridente de uma flecha de alerta tomou os céus com o timbre agudo e inconfundível.

O dono do disparo emergiu da linha de floresta onde o mal habitava, um homem que corria ensanguentado em direção à entrada da vila. Antes que caísse de bruços ao chão para dar o seu derradeiro suspiro, alertou com o restante de suas forças:

– É Codomo! O Selo está rompido, os outros guardiões já tombaram.

2.

A NOITE DO NEFASTO

CARAN

– É Codomo! O Selo está rompido, os outros guardiões já tombaram. – Proferiu a sentinela antes que selasse os lábios eternamente.

Por um instante que durou a eternidade, aqueles que até então festejavam fitaram imóveis aquela horrorosa cena. Como um instinto de quem guarda há mil anos o vale de Quitão, olharam letargicamente para dentro da floresta negra, pois o vinho em seus organismos já havia afetado seus pensamentos, julgamentos e reflexos. Uma brisa gélida soprou forte, apagando toda chama que não a da pira de Jiran, que àquela altura já havia abrandado um tanto. O tambor agora tocava descompassado, dentro do peito de cada huarden.

Das profundezas da floresta, uma risada modesta fez-se ouvir por pouco, carregada de malícia e perversão, mas com notas ocultas de sofrimento e soluços, que se transformaram enfim em um leve choro. Contudo, o pranto contido em uma nota aguda transformou-se em gargalhada profana. Tal espetáculo macabro fez todos que o assistiam perderem imediatamente suas forças, alguns até caindo de joelhos. Todos sabiam de quem se tratava e pensavam ter preparo suficiente a ponto de estarem

imunes a sua influência, mas tal presença maléfica infligia o mais primitivo medo no coração dos homens.

Um estrondoso e caótico som de várias patas a marchar começou a avolumar-se imensamente, anunciando a aproximação de uma manada de bestas desconhecidas. Harissa quebrou sua paralisia brevemente para agarrar seus dois filhos como uma mãe pássaro que com suas asas protege a cria de um predador.

Quando o som da manada turbulenta atingiu um nível ensurdecedor, várias bestas quadrúpedes emergiram. Saltaram de maneira abrupta no pasto descampado em direção ao vilarejo. Corriam ensandecidas, deixando o largo rastro de saliva espessa que abundava de suas bocarras.

Com o grito alarmado de uma mulher, o fluxo temporal pareceu restabelecido e os huardens finalmente saíram do estado catatônico. Tentaram reagir a súbita invasão das hordas de Codomo, no entanto, vários deles embaralharam seus passos e tropeçaram ébrios, caindo ao chão. Uns menos afetados tatearam suas vestes à procura de seus machados e arcos, que quando não usados para o combate, serviam para a lenha e caça. Pouco havia espadas, pois julgavam que estas tinham menos serventia em tempos pacatos.

Caran e Ralil se olharam por um momento, refletindo nos olhos uns dos outros a incredulidade e horror que sentiam na alma. Em um movimento perfeitamente sincronizado, desvencilharam-se de sua desesperada protetora e alcançaram cada um seu machado, presos ao lado esquerdo de seus cintos. Virando seus corpos para os inimigos, Ralil largou a estatueta de lobo em que estava trabalhando, Caran, o cachimbo que já não tragava desde que notou a presença materna.

Tamanha era a agilidade dos dois, que seus artefatos abandonados pareciam estar em suspensão enquanto sacavam seus armamentos. Buscaram forças em suas pernas e começaram a correr, bradando furiosamente, em direção ao inimigo. Solta ao vazio, a estatueta caiu de cabeça para baixo espatifando-se em duas. O cachimbo espalhou no chão o fumo aceso de uma mistura de ervas oriundas das Lomas Ermas e de Suna, o que seria um sacrilégio para qualquer apreciador de bons aromas, não fosse aquela crítica situação.

As bestas negras aproximavam-se velozmente da cerimônia. A cada galope delas, Caran podia perceber mais detalhadamente as feras. Por pouco não se equivalliam em porte a um cavalo, suas narinas achatadas e maxilares largos diferenciavam de toda fauna que já vira, talvez um misto de predador e carniceiro. Suas presenças sombrias sugavam toda luz que os margeavam, eram tão escurecidos que era difícil distinguir os contrastes de suas silhuetas, passando-se até por borrões pretos, não fossem os olhos embranquecidos que lhes davam um tom funéreo. As presas eram maiores que um punhal. Algumas delas estavam evisceradas e largando uma trilha de órgãos pútridos e sangue espesso e escurecido.

A carga das bestas negras e a linha de defesa dos huardens chegaram na iminência do choque. Os colonos ainda hábeis urraram e levantaram suas armas, as feras em nada frearam. Colidindo violentamente, as duas forças se misturaram em um emaranhado de machados, garras e presas. A mistura de timbres metálicos e de peles rasgando era completada por gritos dos huardens e uivos das feras. O caos do combate se opunha a harmonia pacífica que se ouvia até então na cerimônia.

Ralil, uns passos adiante, cessou o seu grito de guerra e com as duas mãos levou o seu machado para trás

do corpo, abaixo da linha de sua cintura, para preparar o primeiro golpe. Uma fera tomou a dianteira e saltou ferozmente em direção ao jovem que com um balanço ascendente acertou fatalmente a jugular daquela criatura. Seu machado cravou tão forte no monstro que a arma o traiu, fazendo voar junto o algoz e a vítima. Uma segunda fera oportunista lançou-se velozmente para tentar abocanhar indiscriminadamente o rapaz e a besta caída. Caran, em um salto, interceptou o ataque da besta negra e aterrisou com o seu machado na cabeça do inimigo.

– Ralil! – gritou com a voz falha.

– Para frente, Caran, olhe para frente!

No alto da plataforma, a sacerdotisa foi ilhada em uma torrente de morte e confusão. Um grunhido agudo chamou sua atenção. Olhou para o céu na direção de onde vinha o som. Uma enorme sombra alada vinha fulminante em sua direção.

– Para trás, demônio! – Gritou assumindo postura de combate e agarrando com toda sua esperança o punhal que acabava de sacar.

Um habilidoso arqueiro notou a situação e pegou uma flecha de sua aljava. Rapidamente efetuou um disparo certo naquela espécie tenebrosa de ave de rapina, tão sinistra quanto as bestas negras. A flecha zuniu pelo ar e passou por cima do ombro daquela mulher. O disparo atingiu o olho do alvo que desfez imediatamente a postura rasante. Tragicamente, seu corpo inerte continuou a trajetória fatal e encontrou sua presa. A xamã e a criatura caíram sobre a pira acesa, fazendo daquele um funeral triplo.

As bestas se abundavam na praça e acumulavam vítimas. Uma sacudia ferozmente a perna de um senhor que gritava desafinado de dor, outra fazia um banquete das costas abertas de uma mulher ainda viva. Deitada no

chão de terra batida, abaixo dela, uma criança chorava horrorizada.

Uma voz poderosa ordenou para que todos corressem de volta para o casarão. Era Harissa na entrada da alameda, protegida por uma linha de combatentes que acabavam de neutralizar bestas negras

Caran arrastou Ralil para livrá-lo da carcaça que o prendeu. Os dois correram em direção à linha de defesa, saltando por corpos de vizinhos e amigos, esquivando-se de garras e presas. Por alto, Caran estimou haver uma dúzia de monstros. Contudo, reforços ainda emergiam da cobertura vegetal.

Uma desesperadora retirada começou quando chegaram à alameda com de pouco mais de vinte huardens ainda vivos. Todos olhavam fixamente para a linha de chegada, o casarão comunal, que ainda não tinha sido alcançado pelo inimigo

Na retaguarda daquele pelotão de choque de bestas negras, na orla da floresta, gigantescos répteis rastejantes apareceram deslizando pelo chão, com patas pouco desenvolvidas e corpos sujos e rasgados do atrito com o solo. Aquelas serpentes de pele avermelhada e comprimento que superava a de um pinheiro tombado inflaram a boca e revirando os olhos começaram um processo grotesco de regurgitação que culminou quando lançaram algo como ovos, porém com a dureza aparente de pedras e do tamanho de barris. De maneira inacreditável, os projéteis percorreram em parábola pelo ar e atingiram as casas do vilarejo, fazendo chover estilhaços de madeira que atingiam tanto a turba em debandada quanto os monstruosos perseguidores.

No percalço dos sobreviventes desesperados, algumas bestas negras já alcançavam os retardatários, tomando-lhes por espólio. O arqueiro algoz da besta alada

ainda sobrevivia. Ele saltou, e em uma manobra acrobática rodopiou no ar. Com os braços esticando o arco e flecha, ele disparou a seta que entrou pela garganta de uma fera prestes a atacar. A besta tombou fazendo outras tantas tropeçarem, assim ganhando preciosos segundos para os sobreviventes.

Caran olhou para o telhado de uma casa em que passavam e viu uma figura encapuzada. Toda coberta por tecidos negros, uma pessoa os seguia correndo em paralelo pelo alto das casas. Diferente das bestas ensandecidas aquele ser parecia completamente racional e dono de seus atos. Ao Caran olhar para dentro do capuz que ocultava a identidade daquele perseguidor, reconheceu feições masculinas no rosto encoberto em sombras. Cruzaram seus olhares por um instante, até o homem, em uma abrupta mudança de rota, saltar certo à captura de alguém do bando.

Ao olhar para trás Caran gelou ao reconhecer que o homem havia pousado e agarrado sua mãe. Seu ímpeto de resgate conflitou com a missão que suas pernas estavam a cumprir. Pisou em falso e caiu rolando. Mal completou aquela cambalhota involuntária e seu braço foi pego por um contrerrâneo. Não precisou olhar para saber que era seu primo Ralil. O impulso do movimento, junto com o auxílio daquele a quem considerava um irmão, fizeram-no recompor o passo acelerado. Com a feição atemorizada e a boca seca, mirou adiante, na porta do casarão aberto. Antes que pudesse olhar para trás novamente já havia se jogado para dentro da casa.

3.

O PESO DO MUNDO EM UM SORRISO

CARAN

Os dois se jogaram para dentro do casarão. Um casal de huardens fechou a porta rapidamente e a reforçou com um batente. A dúzia de pessoas que ali chegaram amontoou toda a mobília existente na entrada do casarão comunal, reforçando a barricada. A porta sofria batidas severas das criaturas que se jogavam com os corpos naquela barreira.

– Mãe! – bradou Caran erguendo-se de súbito e correndo em direção à barricada assim que se recompôs.

Ralil agarrou-o por trás tentando conter aquele filho desesperado.

– Caran, não! É impossível passar por eles de frente.

– É minha mãe Ralil! Você não entende?

– Sua? – inquireu Ralil, soltando-o. Estava com uma expressão furiosa.

Caran moderou-se quase que de imediato. Olhou para trás e abaixou a cabeça, ainda um pouco ofegante. Que direito tinha ele de acusar Ralil de incompreensão? Pensou. Seu irmão perdera a mãe que lhe deu à luz, e agora vislumbrava a perda daquela que o criou.

– Caran, tenho certeza de que você viu aquele homem. Ele era diferente de todo o resto. O modo como ele

raptou a nossa mãe, além do fato que aqueles monstros não o atacavam... tenho certeza de que ela está viva.

Caran indagou confuso:

– Será que ele era...

– Não! – respondeu Ralil assertivamente, antes que Caran proferisse o nome de Codomo – O Nefasto provoca algo diferente no coração dos homens, você bem soube disso.

– Então este é o poder do Nefasto? Que esperança temos contra tamanho mal? – questionou Caran que, levando a mão a testa, sentiu a veia pulsar.

– Ainda há mais de um Huarden vivo, Caran. Só o que enxergo é a certeza da salvação. Mas a inação não nos ajudará em nada agora. Ganhamos pouco mais que um punhado de areia na ampulheta. Venha comigo para o andar de cima, agora!

– Há algum ancião aqui? – Convocou Ralil.

– Eu – Respondeu uma voz trêmula ao fundo da cabana.

Era Mehel, um raquítico ancião da vila. O que lhe faltava de cabelo na cabeça abundava no rosto, pois possuía uma barba espessa e mais negra que a sua idade mais avançada poderia sugerir. A toga que vestia era também a outorga de seu título que naquele momento de pouco servia. Sua imagem era de causar pena, encolhido como se quisesse voltar para a proteção uterina.

– Mehel, onde está a chave do depósito? – perguntou Ralil abaixando-se para falar com o velho. Porém, Mehel estava em um estado de confusão mental e pânico, não conseguindo responder de maneira clara.

Caran se admirou com a frieza do irmão durante aquela situação de vida ou morte, ele logo havia assumido a liderança. Entendendo rapidamente o plano de seu

companheiro, virou-se para aqueles poucos homens feridos, mulheres e crianças que lá estavam e ordenou:

– Todos vocês, esperem até as bestas grunhirem de dor. Este será o sinal. Então deem a volta pelo andar de cima e saiam pela janela de trás. Os mais capazes ajudem as crianças e idosos. Nosso dever continua o mesmo. Todos devem ir para a gruta, lá já sabem o que fazer.

Sem tempo a perder, Ralil desistiu de fazer o velho Mehel falar. Os dois então partiram após pegarem seus machados. Correram pela escada para o andar de cima e com um chute Ralil arrombou a porta do depósito no andar superior.

O que os dois buscavam era um artifício capaz de salvar os remanescentes daquele banquete no qual eram o cardápio. O fogo cinério era uma arma formidável. Misturando salitre, óleo e fósforo branco em um pote de barro fechado, era um inflamável volátil, pegajoso e difícil de se apagar. Não à toa, era um dos trunfos a ser usado como primeira resposta a uma emergência como aquela.

Caran abriu um armário no fundo do depósito e sorriu.

– Ralil, veja! – disse Caran ao encontrar o que procuravam.

– Não pense, pegue o máximo que der. – Respondeu Ralil oferecendo-lhe um saco médio de estopa.

– Pronto? – Perguntou Ralil.

Caran respondeu com um gesto de cabeça. O tempo se esvaía. Olhando por uma fresta da janela daquele cômodo, viu os monstros se revezando nas tentativas de destruição da porta. Porém agora um pouco menos agitados. “Ainda bem que são desprovidos de qualquer inteligência”, pensou Caran.

Havia contado oito deles. Olhou em profundidade, mas nada do encapuzado ou de sua mãe.

– Apronte-se Ralil! São oito deles.

Com os primeiros potes já em mãos abriram a janela vigorosamente. Expuseram suas cabeças e deixaram cair os explosivos sobre os monstros, que alertas olharam para cima a fim de identificar o som. O fogo cinério se quebrou sobre o dorso de uma fera e do lado da pata de outra, alastrando o óleo em chamas e fazendo as parecer uma montaria arredia que tenta desesperadamente desvencilhar-se do cavaleiro. Lançaram mais uma rajada de bombas. Multiplicando os berros ferais. Gastaram uma porção do arsenal explosivo e rapidamente neutralizaram as bestas negras.

O último monstro rodopiou e caiu estrebuchando, se já não morto, condenado. O cheiro de carne queimada subiu às narinas da dupla que ao avaliar o ambiente julgaram seguro sair. Abandonaram o depósito com seus sacos em meia capacidade, pegaram o corredor à esquerda e examinaram pela janela já aberta. Um breu dificultava a visão das vicinidades, mas não podiam perder mais tempo. Caran atravessou a janela e andou pela laje de madeira até chegar à beirada. A altura do segundo andar não era um desafio para os dois.

– Cuidado com isto – disse Ralil apontando para o saco contendo material altamente inflamável.

Caran sorriu arrogante e pulou com graciosidade, seguido de Ralil, que o fez tão bem ou quiçá melhor.

Seguiram depressa e de silhueta abaixada para os fundos da próxima casa onde se escoraram agachados. Ao olharem para trás, viram a sombra dos huardens evadindo o casarão em segurança e correndo pelo descampado a leste em direção a gruta que escondia a saída do vale para o continente.

– O que está acontecendo Ralil? O selo não era para estar se rompendo ainda. Nós devíamos ter mais tempo.

– O momento foi propício demais para ser uma mera coincidência. Nós guardamos este local por muito tempo para cairmos tão fácil assim, aquele desgraçado que pegou nossa mãe deve estar por trás disso, Caran. – Ralil continuou. – Você já deve ter entendido. Vamos para os estábulos. Eu fico com a Gentil, pegue o Procion. Não vi Harissa nas redondezas, precisamos encontrá-la rápido e resgatá-la. Se aquele miserável estiver com ela, lidamos com ele.

Os dois entraram em uma sintonia advinda de uma vida inteira de convívio. Caran complementou automaticamente:

– Depois de pegar a mãe, cavalgamos o mais rápido possível para a gruta. Até lá os outros já devem ter fugido. Lá nos juntaremos a quem estiver guarnecendo o posto.

Em lanços alternados, avançaram pela escuridão por entre as casas. Revezavam-se em quem corria a frente fazendo o reconhecimento e quem vigiava a retaguarda.

O vale inteiro havia voltado a mudez de antes do funeral de Jiran. Algo estava errado, era como se nada houvesse acontecido naquele canto do vilarejo, não fosse é claro pelos corpos e rastro de destruição pelo caminho.

Ao chegarem ao estábulo, o cheiro típico daquele lugar chegou a aquecer um pouco os seus corações, que buscaram na nostalgia um aconchego. Os cavalos estavam serenos até o momento que a movimentação da dupla agitou a cavalgada. Ao fundo do recinto, chegaram ao Procion e a Gentil, duas das montarias mais velozes entre aqueles animais.

Ralil dirigiu-se à égua fazendo um som com a boca, amansando-a prontamente. Caran pegou um par de embocaduras e jogou uma para seu parceiro. Equiparam o bridão e as rédeas prontamente. Não havia tempo para encilhar.

Segurando Procion pelas rédeas, questionou-se sobre a veracidade das lendas antigas. Se houve um Huarden lendário que derrotou um deus e se tornou a Autoridade Boreal. Se fosse verdade, estava fadado assim como seus antepassados a repetir tal façanha caso fosse necessário. Mas como? Se ele não era nem ao menos o mais hábil de sua tribo.

– Primo, o sangue que corre em nossas veias... de que difere do sangue de qualquer outra pessoa em Aome-ria? Uma lenda contada por séculos não me faz capaz de acreditar por completo que descendamos de uma divindade, que o amor dela e do herói Procion tenha originado a nossa linhagem guardiã.

– E por que tomamos o mal como uma certeza e nos tornamos tão céticos em relação ao bem, nobre amigo?

– Talvez porque o Nefasto dizimou a nossa vila, e nossa lâmina já se encravou na carne do inimigo, Ralil.

– Caran, diz que o mal deu provas de sua existência e o bem não? E o que são então as cachoeiras de nossa terra? O canto dos pássaros, os bosques de jasmims, a montaria que nos servem... São o que, se não um deus tangível? Tudo isto já me é prova o suficiente.

Caran inspirou e de maneira decidida consentiu com seu irmão.

– Este silêncio me incomoda, tais criaturas tão hostis e irracionais são capazes de retirarem-se de maneira tão organizada, Ralil?

– Nada nesta noite faz sentido, vamos ser ligeiros a procura de Harissa, depois disso, a gruta. Parece que nossa jornada será antecipada, nobre amigo. Precisamos ir a Oriel, o rei dos cinérios precisará nos ouvir. Contanto que um de nós consiga chegar lá, ainda há esperança.

Os dois subiram em seus cavalos, suas habilidades nativas conferiam-lhes a segurança em montar sem sela. Além do mais, conheciam suas montas, e elas aos seus cavaleiros. Em um grito seco, comandaram seus animais que prontamente iniciaram um firme galope desde a saída de suas baias. Os dois apressaram-se pela parte externa do vilarejo evitando a alameda, que já havia sido palco de espetáculos demais para uma noite só.

Não havia sinal de sobreviventes pela extremidade do vilarejo, todos estavam na festa. A repentina inquietude incomodou até mesmo Ralil. Antes a urgência da situação não dava tempo para dúvidas, a hesitação em qualquer movimento poderia custar a vida. Já o vazio, fazia semear flores podres no campo da imaginação: a dúvida e o desespero.

Chegaram à praça central com as mãos fracas nas rédeas e as dominantes com suas armas em riste, mas viram somente o resultado sangrento de uma batalha já findada. Ralil logo olhou para a floresta após o descampado, mas nada viu ou sentiu vindo de lá. A escuridão dominava todo o vale e quem quisesse dali reconhecer alguma coisa, deveria se valer da luz do céu noturno.

A praça estava completamente destruída. Destroços das casas invadiam o lugar. Corpos dos moradores sobre todo o local. Podiam reconhecer todos eles, das crianças aos anciões, pois com cada um havia ao menos uma doce memória de algum momento compartilhado. O amontoado de toras de madeira no meio do local agora estalava quase sem brasa. Caída ao lado da pira, uma pele

de lobo que outrora fora usada para os mais diversos ritos daquele povo. Toda aquela cena de morte deu a Caran a certeza de que a vida como conhecia havia acabado para sempre.

Ralil advertiu para que seu companheiro se mantivesse alerta e em cima do cavalo. Caran fez menção de que não precisaria ter dito o óbvio. Deram uma volta completa na praça, em um trote mais amansado para que pudessem reparar melhor qualquer indício de Harissa.

De repente, um grito feminino ecoou desesperado no leste, no caminho para a gruta. Caran não pensou duas vezes e manobrou seu cavalo ordenando-o a partir veloz para o socorro daquela que poderia ser sua mãe em perigo. Os dois cavaleiros partiram disparados novamente, saltando as carcaças de feras abatidas.

Dirigindo-se ao leste, galoparam sob a luz do luar por um bosque extenso e florido. Uma nova descarga de adrenalina invadiu os seus corpos, o rosto de Ralil se distorceu, talvez por medo ou por coragem, ou uma mistura heterogênea das duas coisas. Pupilas dilatadas e dentes cerrados à mostra garantiam-lhes a prontidão para responder a qualquer ameaça. No horizonte, viu o sangue de seus conterrâneos tingindo os jasmims brancos do campo. Cruzaram rápido por uma suave colina e ao transpor à margem oposta aterrorizaram-se ao ver uma nova cena de horror: os fugitivos do casarão estraçalhados pelos campos. O corpo de Mehel estendido com os membros amplamente abertos, exceto pelo braço direito que havia sido dilacerado. Uma fera deitava-se a direita deles. Fatigada, sua barriga estava para cima e seu estômago ulcerado estava dilatado após o banquete. Completamente inerte, ela foi alvo fácil para que um Caran vingativo e raivoso tacasse um fogo cinério naquela besta horrenda que se deleitava com seu conterrâneo.

Ralil ouviu o zunido de uma flecha à sua esquerda. Próximo dali, um huarden de capa verde como musgo das pedras de cachoeira lutava contra uma fera. Era Alvatelis, que havia utilizado sua última flecha para conter uma fera que estava em seu percalço, mas ela não foi abatida. Para salvar o antigo professor de arquearia dos dois meninos, Ralil mudou seu curso e partiu ao socorro. Como um raio, a égua Gentil disparou ao encontro de Alvatelis, que corria com o restante das suas forças para fugir da morte. Ralil não pestanejou em tacar o próprio machado na cabeça da fera quando a mesma saltou para o bote no arqueiro. Freando a égua, estendeu a mão livre para que seu mestre subisse e ele assim o fez. Ralil deu meia volta e acelerou para reagrupar-se com Caran.

– Alvatelis, o que aconteceu com seu grupo? – o aprendiz perguntou aflito.

– Desde o começo esses monstros tinham uma rota certa, pareciam decididos em fugir das montanhas, assim como a gente. Nós saímos quando vocês deram conta das bestas no casarão, da maneira que havíamos combinado. Mas após algum tempo de fuga vimos as crias do nefasto a nossa frente indo ao mesmo destino que nós. Não demorou um instante para que uma nos fargesse e nos detectasse.

Alvatelis contou horrorizado como após aquilo, se viram cercados por um horrendo novo inimigo que vinha atrás das feras, os Nozuls. Seres humanóides de aspecto incorpóreo, mais negros que o próprio abismo e envoltos em uma atmosfera gasosa. Seus olhos eram dois faróis brancos que nunca piscavam. Na extremidade de suas cabeças despontavam várias mechas de algo que parecia ser seus cabelos.

– Eu creio ser o último. – confessou o velho professor lamentando-se

Caran, ao ver seu irmão correndo ao encontro de Alvatelis, havia continuado na rota original com a certeza de que seu companheiro daria conta do recado, mas desacelerou Procion ao olhar novamente para frente e ver parte do bando de monstros marchando rumo à gruta entranhada nas pedras, a cerca de um quilômetro dali.

Quando Ralil e Alvatelis o alcançaram, os três aprontaram potes do fogo cinério e o som do galope logo foi percebido pelo inimigo. Em um longo arremesso, alvejaram parte do bando de monstros que sucumbiu rapidamente às chamas.

– Garotos, criem uma abertura no flanco direito.
– Comandou Alvatelis.

Os seus aprendizes atenderam prontamente. Viraram à direita aproximando-se do inimigo e lançaram uma última rodada de inflamável na extremidade da turba que agora desorganizava-se. A pequena abertura possibilitou que desbordassem e ganhassem a dianteira na corrida para a linha de chegada. Os seus cavalos esbaforidos saltaram pelas chamas sem indício de refugio. Seus esforços foram recompensados ao chegarem finalmente na gruta, cuja altura impossibilitava que continuassem montados em seus animais. Ralil olhou para trás e viu uma quantidade absurda de inimigos chegando. Os huardens apearam de suas montarias e Alvatelis tocou Procion batendo em sua retaguarda. Os cavalos saíram disparados gruta adentro, talvez ainda pudessem ser úteis do outro lado. Apoiando-se nas paredes rochosas de dentro do túnel, correram para a antecâmara, que como o nome sugeria, era como um salão mais aberto da caverna, feita para servir como última linha de defesa. Caran passava por último, sempre arrumando as armadilhas e defesas feitas única e exclusivamente para aquela noite derradeira. Ao chegarem na antecâmara, ainda possuíam a esperança de

ver seus colegas da guarnição vivos, no entanto depararam-se com os quatro da esquadra eliminados. Alvatelis se surpreendeu, contudo a dupla de jovens já temia tal quadro. Eles eram os últimos!

– Atrás de mim, crianças!

Caran e Ralil se olharam incrédulos e puseram-se ao lado do mestre, desobedecendo-o pela primeira vez em muitos anos. Ali só havia iguais, três guerreiros lutando pelo futuro do continente de Aomeria.

A gruta era, naquele trecho, uma mina escavada e planejada pelos guardiões de Quitão, completamente armadilhada para o retardo do inimigo. Com fortes vigas e pilares, sustentava-se firmemente. Possuía curvas sinuosas para ajudar nas defesas. Na retaguarda da antecâmara, uma descida íngreme se iniciava. Um dispositivo em forma de alavanca sobressaía do lado de um pilar. Aquele era o último artifício para deter o Nefasto em uma primeira reação. O acionamento da alavanca causaria o desmoronamento da gruta a frente, junto com a queda de centenas de potes explosivos escondidos atrás de pranchões e travessas do local.

A breve trégua aproximava-se do fim. O som caótico das tropas de Codomo se aproximava. Quando a horda claramente entrou na gruta, o acionamento das armadilhas fez várias feras urrarem. Ralil e Alvatelis se rearmaram com os machados de seus companheiros abatidos. Os três permaneceram a postos, olhando para a frente onde a mina fazia uma curva à esquerda. A chama de uma tocha balançou vigorosamente, as sombras vinham em suas direções em forma de garras e bocas.

Um Nozul dobrou a curva, e logo mais cinco, dez e vinte! Uma fera veio desenfreada e bateu na parede fazendo tremer a mina, chacoalhou a cabeça e retomou a corrida atropelando os humanóides. Alvatelis pegou uma

flecha na aljava ao lado, mudando para sua área de maestria. Alvejou rapidamente a besta, que tropegou e caiu formando um obstáculo para os Nozuls que se recompunham. Uma sensação horripilante tomou conta do trio ao perceberem que os Nozuls por si só, eram assustadoramente silenciosos, estendiam seus braços longos com unhas compridas nas extremidades das mãos, mas não emitiam nenhum som, até porque, nem boca possuíam. Os primeiros inimigos chegaram afobados para abater os guerreiros que lhes responderam facilmente. Postos em linha, pouco à frente da alavanca e do portal que afunilava a antecâmara para a sua saída, desciam o machado e chutavam os Nozuls que chegavam.

– A força deles está nos números. – Comentou Ralil esquivando-se da garra de um Nozul.

– Elimine-os rápido, primo! Não podemos deixar eles nos sobrepujarem. – Respondeu Caran enquanto golpeava um inimigo.

– Ah, nobre amigo, não me venha dizer isso. Pelo que contei já matei três a mais do que vossa senhoria! – disse Ralil triunfante.

– “Doze, treze, quatorze...” – continuou Ralil, empilhando e contando os inimigos que não representavam um desafio tão grande.

Caran aceitou o desafio. Afinal, uma competição poderia até servir como uma motivação naquele momento. Tomou a dianteira e começou a chutar oponentes e balançar o machado no ar, sempre certo. Sua confiança aumentou a ponto de ver uma esperança daquela batalha ser vencida. Agarrou um Nozul desafortunado com uma mão e saiu empurrando o inimigo indefeso, causando uma avalanche em vários outros. Empurrou a sua vítima para longe, pegou uma adaga que estava em seu cinto e arremessou-a entre os dois faróis do Nozul.

Este era o ápice de sua performance em batalha naquela noite.

– “Quinze, dezesseis!” – bradou Caran, acreditando ter ultrapassado seu rival.

Frenético, montou sobre um inimigo caído e deu-lhe três machadadas na cabeça. Apoiou o pé esquerdo para levantar-se.

– Caran! – gritou Ralil desesperado.

Caran olhou para cima e viu um nozul na iminência de atacá-lo desprevenido. Ralil conseguiu alcançar o amigo e puxá-lo para trás, fazendo o atacante errar. Caran rolou de lado e permaneceu deitado por um breve instante, pois perdeu o senso de equilíbrio. Uma nova onda de inimigos chegou e ao fundo se ouviam mais feras entrando. Ralil estava muitos metros à frente por ter salvado seu estimado amigo e virou-se para voltar a formação. Os Nozuls silenciosos apressaram o passo e alcançaram Ralil que estava retraindo.

De todas as cenas que Caran presenciou naquele massacre, eis a que mais o marcou: Uma criatura agarrou Ralil com sua mão esquerda, uniu os dedos da mão direita formando uma estaca com suas unhas, e apunhalou Ralil mortalmente abaixo das costelas.

Alvatelis saiu enfurecido, jogando-se no monte de inimigos e lançando Ralil para trás. Caran prostrado no chão úmido e frio aterrorizou-se mais do que em qualquer outro momento daquela noite. Gritou pelo nome de seu amigo e levantou-se descoordenado. Ralil cambaleou em direção ao seu ente querido, mas ao passar por ele apenas o puxou apressado com uma mão agarrando Caran e a outra apertando sua ferida que já ensanguentava a roupa clara.

Atônito, Caran não conseguiu reagir ao ser puxado pelo seu irmão até a alavanca. O huarden ferido o botou contra a parede e depois escorou-se em Caran.

– Caran, em nada a marcha do destino se alterou! – exclamou um Ralil com o cabelo solto sobre o rosto cheio de sujeira, suor e sangue. Sua voz ruidosa sugeria sangue inundando seus pulmões. Apesar de sua situação crítica, sua expressão continha uma euforia bizarra.

O monte de Nozuls aumentou sobre Alvatelis. Caran empalideceu com urro pavoroso do velho mestre. Mesmo olhando fixamente para Ralil teve a compreensão de que Alvatelis fora morto por aqueles seres tenebrosos.

Não havia tempo algum a perder. Ralil reuniu forças para dizer suas últimas palavras.

– Escute nobre amigo, ou melhor, escute, irmão: ainda há um huarden vivo, minha esperança em nada minguiu, nem a sua deveria. – Caran tentou impedir o amigo sacudindo-o, mas ele continuou resolutos – eu nunca seria a Autoridade Boreal, este dever é todo seu, majestade. Sempre me coube lhe servir até a hora de minha morte. E para isso, só tem mais uma coisa que eu tenho que fazer.

Ralil utilizou-se de suas últimas forças para botar-se de pé subitamente. E antes que pudesse sofrer qualquer oposição, empurrou Caran pela rampa abaixo. Caindo de joelhos, agarrou o dispositivo do pilar e reunindo forças em um prolongado e raivoso grito, puxou a alavanca veementemente. As paredes se estremeceram e começaram a ceder, um Nozul o agarrou pelos cabelos tentando puxar sua cabeça para trás. Outros dois voltaram a lhe ferir fazendo-o soltar uma leve expressão de dor, contudo logo ele olhou para Caran que deslizava pela mina abaixo e sorriu.

Caran deslizou e rolou pela descida sem poder fazer nada, vendo seu irmão ficando cada vez mais distante, os inimigos novamente lhe apunhalaram, mas em um momento derradeiro ele sorriu olhando para o nobre amigo. Tal semblante em nada parecia amedrontado, muito pelo contrário, sua serenidade conotava o vislumbre de algo divino. Explosões vieram de cima e iluminaram a caverna por um momento. Até que grandes rochas começaram a cair no pavimento superior. Ralil ainda repousava a mão sobre a alavanca quando pesadas rochas caíram sobre ele. Em um piscar de olhos, o rosto de Ralil sumiu em meio ao desmoronamento das pedras. Agora naquela mina, só havia Caran e o breu.

OBRIGADO POR IER
ATÉ AQUI



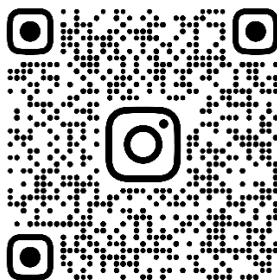


ADQUIRA

JÁ

Entre em contato comigo pelas redes sociais e compartilhe sua experiência com a leitura.

Te esperarei.



LSPALVARES